

PARA A COMPREENSÃO DO MUNDO EM SARTRE

Cristiana Lopes de Oliveira ¹

RESUMO: *Questões referentes ao sentido da vida, à morte, ao mundo, à liberdade, ao existir, Deus, ao desespero, à angústia, etc., elaboradas pelo homem desde que passou a viver, especialmente em sociedade, é que impulsionaram as discussões das principais mentes do século XX. Este trabalho tem como fundamento bibliográfico as obras “O Ser e o Nada Ensaio de Ontologia Fenomenológica” e “O Existencialismo é um Humanismo”, de Jean-Paul Sartre. Nosso objetivo principal é trazer alguns conceitos, de forma breve, acerca da estrutura constitutiva da existência humana, e traçar de que maneira ela mantém relação com o mundo onde desde sempre se encontra jogada. Sartre, em O Existencialismo é um Humanismo, declara que “o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e só depois se define”. Portanto, compreender o homem e sua estrutura é, necessariamente, compreender o conceito de mundo onde ele se encontra.*

Palavras-chave: Consciência; Ser; Mundo.

O fundamento da filosofia sartriana se dá a partir da influência do *cogito ergo sum* de Descartes. Para Sartre, não há como estruturar nenhum postulado ou filosofia fora da verdade da consciência: não pode haver argumentação aceitável que não esteja inserida na subjetividade humana. Assim, constatamos, num primeiro momento, que existe um eu consciente e existente. Alguns críticos da filosofia existencialista de Sartre o acusavam de aderir ao solipsismo radical exatamente por se deter à subjetividade humana como sendo, de certa forma, absoluta. Entretanto, Sartre dá um salto considerável em relação a Descartes quando coloca a intencionalidade na consciência humana ou quando descreve o momento em que ela se volta para o mundo (a noção de intencionalidade que Sartre usa é a trabalhada antes dele por Husserl).²

O que ocorre é que Descartes se limita à esfera do conhecimento e nenhuma realidade exterior ao pensamento é considerada. Sartre, diferentemente de Descartes, se preocupa com o sentido da existência humana e não é possível pensar o homem sem pensar o mundo onde ele se encontra enraizado. Desta forma, o *cogito*, pensado por Sartre, deveria estar ligado à existência concreta e não ser simplesmente uma espécie de intelectualidade absoluta: não existe a noção de substância do *cogito*, como em Descartes. Para Sartre, “Consciência é sempre consciência de alguma coisa”, e essa “alguma coisa” estaria, não dentro da consciência, mas no mundo:

(...) o *cogito* é qualquer coisa de fechado em si, pensamento puro que vive de sua substância, *ergo sum res cogitans*. No existencialismo, esse autobloqueio intelectual resulta insatisfatório, em primeiro lugar pelo exclusivismo do plano

¹ Bacharel em filosofia pela Universidade Católica do Salvador. Especialista em Metodologia, Pesquisa e Extensão pela Universidade do Estado da Bahia e Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia. Orientador Prof. José Antônio Saja da Universidade Federal da Bahia – UFBA e co-orientador Prof. Roberto Nascimento de Souza da Universidade Católica do Salvador – UCSal.

² Intencionalidade na afirmação de Emmanuel Lévinas significa “essencialmente o ato de emprestar um sentido”. Emanuel Levinás foi um dos maiores leitores da filosofia de Husserl. Apesar de trabalhar com essa idéia de intencionalidade, ou seja, dar sentido a, Husserl nunca conceituou explicitamente o que era intencionalidade. Mas a idéia que trabalha Sartre é a de que dar sentido é ser intencional.

do pensamento, e, depois, pela maneira ilhada de compreender o homem. Explica-se, assim, que o cartesianismo sofra em Sartre uma considerável transformação. (BORNHEIM, 1971. p. 18)

Para Sartre:

A consciência nada tem de substancial, é pura “aparência”, no sentido de que só existe na medida que aparece. Mas, precisamente por ser pura aparência, um vazio total (já que o mundo inteiro se encontra fora dela), por essa identidade que nela existe entre aparência e existência, a consciência pode ser considerada o absoluto. (SARTRE, 1997.p.28).

Entretanto, o absoluto de que fala Sartre, “não é resultado de construção lógica no terreno do conhecimento, mas sujeito da mais concreta das experiências”. (SARTRE, 1997.p.28) A principal crítica sartriana ao cartesianismo se dá com relação a esse absolutismo do pensamento e a forma limitada de compreensão do homem, e a idéia cartesiana é desfeita quando o ser-no-mundo heideggeriano é considerado. Homem é abertura diante do mundo e esse caráter de “não-fechamento” é que o constitui como transcendência. O salto que Sartre dá de Descartes a Heidegger faz compreender a existência humana em ligação inevitável com o mundo. Homem não pode existir sem mundo ou, ao menos, não haveria sentido fora dessa relação. Mundo é manifestado de forma direta ao homem. Sendo assim, o homem é caracterizado pela abertura em direção ao mundo que se dá como objeto nessa relação dual.

Toda consciência é consciência de alguma coisa. Esta definição pode ser entendida em dois sentidos bem diferentes: ou a consciência é constitutiva do ser de seu objeto, ou então a consciência, em sua natureza mais profunda, é relação a um ser transcendente. Mas a primeira acepção da fórmula se autodestrói: ser consciência de alguma coisa é estar diante de uma presença concreta e plena que não é a consciência. Sem dúvida, pode-se ter consciência de uma ausência. Mas esta ausência aparece necessariamente sobre um fundo de presença. (SARTRE, 1997.p.33).

Heidegger em *Ser e Tempo* usa a expressão ser-no-mundo para designar esse caráter ontológico de ligação. Desta forma, foi a influência do *cogito* cartesiano que levou Sartre a definir a estrutura constitutiva da consciência, não mais considerando a esfera do pensamento como sendo absoluta, mas é a partir da noção de mundo heideggeriana que Sartre consegue imputar o caráter existencial antes impossível.

Constatamos que existimos, portanto, que existe um eu, e constatamos que existe algo que não é o eu e que mantém relação com esse eu, desta forma, que existe o mundo onde estamos inseridos e que se nos mostra de alguma forma. Para Sartre é mais do que claro que existe o homem e o mundo onde ele se encontra e através do qual transcende. Existe, então, o homem e o que não é o homem. Não é possível fugir dessa dicotomia e nem negar que existem como dois campos distintos, entretanto, relacionados.

A expressão heideggeriana ser-no-mundo diz por si só uma relação. O homem é sempre e em si mesmo relação-com. “A expressão composta ‘ser-no-mundo’, já na sua cunhagem, mostra que pretende referir-se a um fenômeno de unidade”. (SARTRE, 1997.p.90) Fenômeno de unidade, mas que carrega em sua relação dois elementos onde cada um deles possui uma identidade própria. Entretanto, a existência de identidade de cada um dos elementos dessa relação não permite a fragmentação e nem independência de nenhum deles.

Sartre concorda com a idéia heideggeriana de que não é possível desagregar os dois termos sem que a condição de vinculação de um elemento para com o outro seja preservada. Entretanto, o elo sartriano se dá no sentido de que o mundo é o lugar de transcendência do homem, e diferentemente de Heidegger, essa relação deve ser vista de forma dicotômica. O homem em Sartre é, de certa forma, existente a partir do mundo, contudo a consciência humana não deve ser estudada como se tivesse uma constituição igualável à constituição do mundo: “O homem é, antes de mais nada, um projeto que se vive subjetivamente, em vez de ser um creme, qualquer coisa podre ou uma couve-flor (...)” (SARTRE, 1978.p.06).

Para Sartre o conceito de mundo estaria mais próximo do conceito de ser-em-si, na descrição de fenômeno. Apareceria, simplesmente, na descrição das coisas que aparecem ao homem no lugar onde ele vive. E essas aparições só têm sentido para e a partir do próprio homem. Assim, o mundo ou o ser, é. “É em-si e é o que é”. Sartre em *O Ser e o Nada* afirma que é possível resumir a noção do *ser* em três proposições: “o ser é, o ser é em si, o ser é o que ele é”. (SARTRE, 1997.p.40).

Desta forma, há uma negação de toda espécie de atividade ou passividade com relação ao ser e também uma abominação absoluta de tudo que lembre duas faces constitutivas deste *ser* (uma interna e outra externa). “O ser não têm segredo, apresenta-se como realidade maciça, e nesse sentido constitui uma síntese absoluta, a mais absoluta que se possa imaginar”. (BORNHEIM, 1971. p. 34). Assim, o ser se auto-nomina na própria aparição.

Já o homem é inacabado e não pode ser nominado da mesma forma que o mundo, pois este, o mundo, possui determinação e pode ser substantivado. Falar de consciência e mundo nos remete à descrição do que seria o conceito de *ser* em Sartre. Para ele, existem duas regiões de *ser*: o ser-em-si e o ser-para-si. O Em-si não tem estrutura dual. Tem identidade acabada e dele pode-se dizer: ele é. O em-si, dizia Sartre, não tem segredo e é absolutamente idêntico a ele mesmo, idêntico àquilo que se manifesta no próprio aparecer: “Do ser-em-si somente se pode dizer que ele ‘ é aquilo que é’. Isso significa que o ‘ser-em-si é opaco para si mesmo’, nem ativo nem passivo, sem qualquer relação fora de si, não derivado de nada, nem de outro ser: o ser-em-si simplesmente é”.³ O Para-si, por sua vez, não é fechado em si mesmo, não tem uma determinação absoluta e dele não é possível afirmar identidade plena. Do para-si não é possível uma descrição ou definição tal qual é possível com o em-si. A condição de possibilidade tão presente na filosofia de Sartre pertence ao para-si e esse é o motivo pelo qual não é possível determinar sua identidade, visto que ele não é acabado e nem dizível de forma absoluta. O para-si se apresenta dentro do movimento situacional indeterminado e cheio de possibilidades que representa o mundo onde o homem vive e se determina dia após dia:

O ser-para-si conteria, portanto, uma abertura e seria precisamente essa abertura a responsável pela faculdade do para-si no sentido de sempre poder ultrapassar seus próprios limites. Enquanto o ser-em-si permaneceria fechado dentro de suas próprias fronteiras, o ser-para-si ultrapassar-se-ia perpetuamente (...) (CHAUÍ, 1978. p. X)

O para-si, a consciência e o homem, são, portanto, uma coisa só. Em Sartre, o homem é determinado por sua existência, desta forma, sua investigação ontológica necessariamente se faz a partir da existencialidade humana, investigando sua forma transcendente de se relacionar com o mundo. Para Sartre, o homem está sempre perseguindo fins transcendentais. Não havendo, portanto, nenhum sentido em pensar a existência humana sem pensar no mundo onde ela se encontra e com quem mantém relação. O mundo é aquilo que se descortina diante de nós, frio,

absurdo e sem sentido: absolutamente contingente. Onde se encontra, portanto, o fundamento da existência humana já que o mundo se apresenta como absolutamente sem sentido?

Em *A Náusea*, livro de Sartre escrito antes de *O ser e o nada*, ele elenca alguns conceitos que poderiam se dar como possíveis soluções para o problema do fundamento humano. Primeiro afirma que o homem tenta encontrar essa solução no absoluto, mas não faz sentido recorrer a Deus porque a presença ou o fato da existência de Deus não retira a facticidade⁴ nem a falta de fundamento de dentro do homem. Uma segunda possível solução seria a história, mas esta também não é suficiente porque a história não faz uso da idéia de possibilidade que é própria da condição humana, descreve simplesmente os fatos passados e Sartre chega até a afirmar que a existência não é dotada de memória, portanto, não seria também uma solução plausível. A terceira possibilidade estaria na arte. A arte faz a náusea⁵ esvaír, a música, por exemplo, suspende as impossibilidades humanas e oferece por instantes a sensação de felicidade, mas o que acontece é que essa suspensão é temporária e depois da experiência estética o homem volta ao seu momento inicial constituído pela falta de sentido. A quarta possibilidade estaria na literatura. Sartre diz que o livro faz com que o homem crie seu próprio mundo, suas aventuras, suas soluções, seu futuro, seu destino, etc. e nesses momentos de criação a vida pode se apresentar como a mais bem fundamentada e a felicidade humana se mostraria também como algo possível, mas essa existência estaria por trás das simples palavras de um livro e não poderia constituir fundamento para o homem, pois este não poderia estar fora da própria existência e jamais poderia ser irreal ou fruto da imaginação humana.⁶ O mundo, portanto, não tem sentido. A liberdade e o homem enquanto projeto é que responde a essa falta de fundamento da condição humana dentro do mundo.

Para Sartre não há mundo, nem ser, nem coisas, nem aparições sem que isso seja feito para e em direção a alguém. Deste modo, a preocupação primordial deve ser esse alguém para o qual o mundo ou o ser-em-si é e pode fazer sentido, isto é, o para-si, a consciência. Não é possível pensar o conceito de mundo sem pensá-lo em ligação com o para-si. A relação sujeito-objeto nunca foi descartada na filosofia sartriana, portanto, se voltar para o mundo enquanto aparência é, necessariamente, se voltar para o homem que é quem o constitui de sentido. Desta forma, o ponto de partida e o ponto de chegada na filosofia sartriana se encontra na e para a filosofia da consciência. O mundo enquanto abertura do ser-para-si, se mostra dotado de possibilidades e sem nenhum sentido. E a única forma de superar esse absurdo é através de nossas escolhas, portanto, existindo como ser livre. Possibilidade implica numa incerteza absoluta na construção da existência e ao mesmo tempo, numa escolha livre e desembaraçada de todo e qualquer determinismo, em uma abertura infinita possibilitada unicamente pela liberdade.

Tudo isso implica, pois, em uma responsabilidade individual que abrange a totalidade das consciências. Assim, quando dentro das multipossibilidades eu escolho uma relação qualquer, dando um sentido qualquer, eu arrasto comigo o outro e o ponho dentro de uma possibilidade

⁴ O termo Facticidade na filosofia de Heidegger expressa a condição de ente lançado na existência que nós mesmos somos, significa que estamos desde sempre a mercê dos fatos que acontecem dentro do mundo. É quando o homem se encontra diante de sua existência e entregue a si mesmo. Sartre se atém ao mesmo conceito Heideggeriano, mas coloca a noção de liberdade no meio desse determinismo dos fatos de que fala Heidegger. Em Sartre uma palavra substitui o termo facticidade: gratuidade.

⁵ A náusea em Sartre é o sentimento gerado em nós quando tomamos consciência de que tudo o que fizermos é insuficiente para alcançar a ventura dentro da existência. A náusea nadifica o homem e transforma tudo ao seu redor num grande absurdo. É o ápice da descoberta da total falta de fundamento humano, é a constatação de que fomos jogados no mundo de forma gratuita e solitária. É a plena certeza de que a vida não faz sentido algum.

⁶ Cfr. (BORNHEIM, 1971. p. 20-25).

nova e até então inexistente. Mundo é, desta forma, contingência absoluta onde livremente nos encontramos como transcendência.

REFERÊNCIAS

BORNHEIM, Gerd. Sartre, *Metafísica e Existencialismo*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

_____. *Metafísica e finitude*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CHAUÍ, Marilena. Sartre: vida e Obra, in coleção os pensadores. Trad. de Virgílio Ferreira. São Paulo: Editor- Victor Civita, 1978.

DESCARTES, Renè. *O discurso do método*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. In coleção os pensadores. 2ª Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002. (Parte I).

_____. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002. (Parte II).

HUSSERL, Edmmund. *A idéia da fenomenologia*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.

PASCOA, Hervè. *Introdução à leitura de Ser e Tempo de Martin Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada: ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Trad. Paulo Perdigão. 12ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 1997.

_____. *O Existencialismo é um Humanismo*, in Coleção Os Pensadores. Trad. de Virgílio Ferreira. São Paulo: Editor- Victor Civita, 1978.

_____. *La Nausée*. Paris: Gallimard, 1962.

_____. Os caminhos da Liberdade 1. *A idade da razão*. Trad. Sérgio Milliet. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

_____. Os caminhos da liberdade 2 . *Sursis*. Trad. Sérgio Milliet. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

_____. Os caminhos da liberdade 3 . *Com a morte na alma*. Trad. Sérgio Milliet. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

VATTIMO, Gianni. *Introdução a Heidegger*. Trad. João Gama, Lisboa: Edições 70, 1989.